



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1100

OS KURAKAS ANDINOS NA OBRA DE FELIPE GUAMÁN POMA DE AYALA

Vinicius Soares de Lima
DHI-UJEM

Resumo

Felipe Guaman Poma de Ayala (1525? - 1615?) foi um dos mais importantes cronistas peruanos do século XVI. Sua única obra conhecida, a *Nueva Corónica y buen gobierno*, tem 1188 páginas e mais de 300 desenhos, que oferecem um apoio visual imprescindível para o estudo da história do período colonial. O autor se destaca entre a maioria dos cronistas peruanos por ser um *kuraka* – ou cacique – descendente da nobreza não-Inca. Guaman Poma foi alfabetizado em espanhol, adotou o cristianismo e trabalhou para os colonizadores para tentar legitimar a posição que afirmava ter. De acordo com especialistas, ele é um exemplo do papel que essas lideranças nativas desempenharam no pós-conquista. A atitude de Ayala parece ambígua. A princípio cooperou com os colonizadores espanhóis, atuando como intérprete e assistente. Tem participação documentada em vários dos mais importantes episódios importantes da história do Peru – as extirpações de idolatrias, a repressão ao Taki Ongoy, a mineração, as reduções toledanas, entre outros. Além disso, ele chegou a participar da audiência de Lima em pelo menos duas ocasiões. Documentos coloniais mostram uma extensa atividade jurídica do autor, que lutava pelo direito de posse às terras que outrora pertenceram a seus ancestrais. Tudo isso leva a crer que o cronista era bem informado sobre seu mundo e que estava próximo dos principais centros de decisão do Peru colonial. O objetivo deste trabalho será analisar como a figura do *kuraka* andino pós-conquista está representada na crônica, se essa representação foi mais influenciada por elementos andinos ou europeus e, por fim, o que muda para essas lideranças nativas após a conquista.

Palavras-chave: Poma de Ayala; Peru Colonial; Kurakas Andinos.

Financiamento: Fundação Araucária (PIBIC).

1. Introdução.

Poma de Ayala era cristão, alfabetizado em espanhol e descendia da nobreza regional andina. Por isso, o autor passou boa parte de sua vida a serviço dos colonizadores, realizando várias funções. É sabido, por exemplo, que o cronista serviu de assistente em campanhas contra o movimento de resistência indígena *taki ongoy*, (ADORNO, 1987. P. XIX). O autor também afirma que passou vinte ou trinta anos trabalhando “a serviço dos pobres e de sua majestade” como intérprete e visitador (AYALA, 1987, p. 715).

A crônica de Ayala permaneceu desconhecida durante quase três séculos, até ser descoberta no ano de 1908 por Richard Pietschmann na Biblioteca Real da Dinamarca. Há várias hipóteses e evidências circunstanciais sobre como esta obra teria chegado em mãos dinamarquesas, mas a verdade permanece desconhecida (ADORNO, 1980, 2001, 2002; VALLEJO, 2008, 2013). Ao longo dos séculos XX e XXI, vários documentos coloniais foram publicados, ampliando paulatinamente o conhecimento sobre o autor (ADORNO, 2001). Entre estes, merecem destaque o *Expediente Prado Tello*, publicado integralmente em 1991, e a *Compulsa Ayacucho*, que contém a sentença criminal outorgada a Ayala em 1600. Informações contidas nesses documentos permitem concluir que a obra começou a ser escrita somente depois do ano de 1600, após a derrota judicial sofrida pelo autor (ADORNO, 1993. pp. 53-4).

Após as reformas do vice-rei Francisco de Toledo (1569 a 1581), ter uma linhagem andina nobre e estar a serviço da coroa espanhola era a melhor situação que um nativo andino poderia ter dentro do sistema colonial. Guaman Poma entendia isso; ele sempre buscou se apresentar como alguém que possuía tanto o status de nobreza herdado quanto uma função no governo colonial (ADORNO, 1993. p.55). Do lado paterno, o autor afirma descender da

nobreza regional da dinastia Yarovilca, e do lado materno da própria linhagem imperial Inca (Ayala afirma ser neto de Topa Inca Yupanqui, o décimo imperador).

Essa ascendência completamente andina o diferencia, por exemplo, do famoso cronista peruano mestiço Garcilaso de la Vega. O tema da mestiçagem é central nas obras de ambos, entretanto suas opiniões estão em polos diametralmente opostos. Enquanto Garcilaso oferece um fundamento harmônico e uma mensagem de esperança para aglutinar diversos setores da colônia, Guaman Poma protesta violentamente contra os abusos coloniais e detalha um plano para estabelecer um Estado andino sob a jurisdição do rei da Espanha (CHANG-RODRÍGUEZ, 1982, p. 42). Ayala via o mundo andino pré-conquista como uma ordem que deveria ser reestabelecida, a situação colonial era o caos que deveria ser ordenado (WACHTEL, 1971 pp. 837-8). Poma de Ayala deixa isso claro em toda sua crônica. Para ele, o mundo estava de cabeça para baixo: “[...] *mundo al rrebés*. Es señal que no ay Dios y no ay rrey” (AYALA, 1987. P. 1136).

A obra de Ayala recebeu influências das tradições pré-colombianas dos Andes e das obras de autores clássicos europeus e *criollos*, através da catequese. No lado europeu, um autor que certamente influenciou a obra de Ayala é o frei Luis de Granada (1504 – 1588). Este é o único autor que Ayala cita como fonte (ADORNO, 1987. p. XXVII), mas o pensamento ocidental influenciou decisivamente sua obra. A historiadora Sophie Plas (1996) provou que a obra contém vários elementos inegavelmente inspirados pelo cosmógrafo sevilhano Jerónimo de Chaves, um escritor bem lido no período colonial (PLAS, 1996. p. 99). Os dominicanos, principalmente Bartolomeu de Las Casas, também influenciaram a *Nueva crónica y buen gobierno* (ADORNO, 1987. p. XXIV, nota 19). O conhecimento de seu passado andino teria chegado ao cronista através da tradição oral e da leitura de crônicas espanholas do século XVI sobre os povos andinos do período pré-conquista (ADORNO, 1987. P. XXII).

Outro fator a ser considerado é que historiografia recente permite concluir que o cronista escreveu sua obra como último recurso para garantir seus interesses pessoais (ADORNO, 1992 e 1993). Durante o final do século

XVI, o autor esteve envolvido em uma longa série de processos legais, nos quais reivindicava a posse de terras em Chupas, no vale de Huamanga (atual região de Ayacucho), que ele afirmava ser posse de seus antepassados (ADORNO, 1993. p. 56). O *Expediente Prado Tello* - que hoje se encontra em uma coleção particular em Lima, mas foi digitalizado e pode ser encontrado na internet – mostra em detalhes essa disputa legal, que culminou na derrota de Guaman Poma e sua condenação a uma pena de duzentos açoites e exílio, pois as autoridades coloniais refutaram o status nobre que o autor afirmava ter (ADORNO, 1993 pp. 75-6). Para Adorno, o cronista só recorreu à escrita a partir de 1600, quando todas as outras possibilidades de participação social se fecharam para ele por causa da derrota na disputa legal por Chupas e sua consequente condenação (ADORNO, 1993. p. 80).

O uso da *Nueva Corónica*, ou de qualquer outra crônica andina como fonte histórica traz uma série de dificuldades e questionamentos (PORTUGAL, 2009, p. 27), principalmente se nosso objetivo é entender o papel de homens como Guaman Poma no sistema colonial. Seus interesses são os de um nativo subjugado, de um cacique local ávido por poder e reconhecimento ou de um servo da coroa espanhola? Qual desses atores históricos está representado com maior precisão na obra de Ayala? Como sua dupla herança cultural se mostra nas representações dos líderes nativos na crônica?

Através de livros, artigos e material historiográfico disponível em sites de periódicos, nas páginas seguintes tentaremos entender o papel e a importância de Ayala e sua crônica no sistema colonial espanhol. É importante conhecer bem autor e obra para que seja possível, em um segundo momento, averiguar o grau de representatividade que a *Nueva Corónica* oferece sobre os *kurakas* andinos. Assim, este trabalho consiste na primeira etapa de um projeto de pesquisa cujo objetivo final é analisar as representações dos *kurakas* feitas por Guaman Poma.

2. O autor e o contexto.

Felipe Guaman Poma de Ayala nasceu na região de Huamanga, atual Ayacucho, entre as décadas de 1530 e 1550. A maior parte das informações

conhecidas sobre ele foi escrita pelo próprio cronista na *Nueva corónica y buen gobierno*. Algumas passagens desse texto são suficientes, por exemplo, para situar seu nascimento após a conquista do império Inca pelos espanhóis. Diz o cronista: *porque yo no nací en tiempo de los Yngas para sauer todo lo que destas cordilleras lo supe y lo fue escriuiendo* (AYALA, 1987. P. 860). A carta escrita pelo autor a Felipe III em 14 de fevereiro de 1615 também pode ajudar a estabelecer essa cronologia. Nela o autor atribui a si mesmo a idade de oitenta anos (ADORNO, 1987. P. XX). A vida de Ayala é profundamente marcada pelas transformações do mundo andino pós conquista:

O sobrenome de Ayala ele tomou do capitão Luis Avalos de Ayala, a quem seu pai salvou numa batalha de Huarina (1547). Foi criado num ambiente que mantinha vivas as tradições indígenas e a amarga lembrança dos maus tratos recebidos não apenas pelos Espanhóis, mas também da dinastia imperial de Cuzco, pois os Poma de Ayala pertenciam à casta de yarovilcas, cujos herdeiros foram deslocados à força. Isso não o impediu de auxiliar Cristóbal de Albornoz na extirpação do movimento milenarista Taqui Ongoy (1546-1570), de acompanhá-lo em suas visitas e talvez de ser intérprete no Concílio Limense de 1583.

(PORTUGAL, Ana Raquel, 2009, pp. 189-190)

O trecho acima nos mostra que Guaman Poma descendia de um *ayllu*¹ não-Inca cujos membros atuavam como *mitmaqkuna*, pessoas enviadas pelo Inca com privilégios especiais para colonizar uma nova área conquistada. Depois de 1532, com a chegada dos espanhóis, o status e o prestígio desse grupo declinou conforme o conceito assumia novos significados. Em poucas palavras, “os colonizadores diplomáticos pré-colombianos que representavam o poder e prestígio do Inca e conduziam sua missão imperial se tornaram os migrantes e forasteiros do vice-reinado” (ADORNO, 2001, p.10). O fim do Tawantinsuyu deu um novo marco às mesmas unidades étnicas e ao papel dos *kurakas*, ou caciques, como senhores delas. Esses líderes étnicos foram parte

¹ ¹ O *ayllu* pré-colombiano é uma estrutura baseada em laços de parentesco, e seus membros não necessariamente ocupavam o mesmo território. Apenas após as reduções toledanas o *ayllu* recebeu sua característica de espaço territorial fixo. A questão é discutida em detalhe em *O ayllu andino nas crônicas quinhentistas*. PORTUGAL, Ana Raquel Portugal. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

de conflitos sobre terras e influência, o que está documentado não apenas em seus relatos, mas também em processos. Os *kurakas* tentavam provar, à maneira espanhola, seu direito ao controle de terras e pessoas. Para isso, era comum a falsificação de genealogias para obter sentenças favoráveis. Tudo isso figura em Guaman Poma com maior nitidez que a elaboração de uma história do passado andino (PEASE, 1981).

Poma de Ayala representa, assim, um personagem típico da América espanhola colonial, frequentemente chamado também de *índio ladino*; o nativo andino que sabia espanhol e vivia em contato direto com a sociedade colonial espanhola e a autóctone, no início do período colonial (ADORNO, 1987, p. XVIII). Como o cronista, esses índios procuravam com avidez postos e privilégios dentro do sistema colonial.

A partir de 1550, senhores nativos serviam como subordinados dos administradores coloniais espanhóis, e eles começaram a competir por posições na burocracia colonial espanhola depois da reorganização da sociedade nativa durante o governo do vice-rei Francisco de Toledo (1569 – 1581). A experiência documental de Guaman Poma oferece um exemplo vívido dessa tendência visto que ele serviu em muitos dos papéis intermediários desempenhados por andinos que aprendiam Espanhol. (ADORNO, 2002. p. 24).

Guaman Poma trabalhou como assistente de um inspetor da igreja na área de Lucanas, Huamanga, no fim da década de 1560. Retornou para lá nos anos de 1590 como um administrador colonial indígena de baixa patente e se estabeleceu depois de 1600. O autor também serviu como assistente do frade mercedário e cronista Martin de Muruá, que se tornaria seu grande inimigo. Em 1594, trabalhou como interprete a serviço de um juiz espanhol. Essa vida itinerante exemplifica as vidas de milhares de andinos de sua geração, que constituíram o grupo social dos índios *ladinos* (ADORNO, 2001. p. 10).

O trabalho do cronista para a coroa espanhola também pode ser comprovado por fontes documentais alheias à *Nueva crónica y buen gobierno*. Em 1938, Rodolfo Salazar publica um documento no qual Poma de Ayala aparece como assistente de Amador de Valdepeña, um representante de nativos nomeado, ou *protector de naturales* (ADORNO, 2001. p. 12). O

futuro cronista assinou o documento como “Don Phelipe Guaman Poma”, o que indica o status social nobre pelo qual ele era conhecido, ou pretendia ser. A detenção de um status como este era extremamente importante para o autor:

Em uma sociedade colonial que dava pouca atenção a um andino como Guaman Poma, mesmo que ele afirmasse ser um “cacique prencipal y gobernador mayor de los ynos,” a obra pode ser entendida como um esforço por seu autor para criar um papel social viável para si mesmo em um tempo em que sua própria cultura não podia mais fornecer modelos adequados.
(ADORNO, 1978. p. 125)

Essa necessidade de afirmação de um status nobre também está intimamente relacionada às reformas coloniais levadas a cabo pelo vice-rei Francisco de Toledo. O legado toledano é crucial para compreender as reivindicações legais de Guaman Poma registradas no *Expediente Prado-Tello* e na *Compulsa Ayacucho* (ADORNO, 1993. p. 55). O vice-rei aboliu oficialmente o governo inca, que agora era considerado ilegítimo e tirânico. Além disso, ele fundiu as posições de lideranças étnicas locais a postos na administração colonial espanhola. Na prática, isso significou, como foi dito acima, que a melhor posição que um nativo peruano podia ocupar no sistema colonial era a de linhagem nobre, mas não inca, e servindo ao governo colonial. Poma de Ayala parecia conhecer muito bem sua realidade, pois:

Ele identificou a si mesmo como um membro da elite nativa local (*cacique prencipal*) e como um funcionário nomeado do governo espanhol (*gobernador de los índios y administrador de la provincia de los Lucanas*). Na *Nueva corónica* (2:823; 3:1106) ele usou um título similar, mas mais prestigioso, “*administrador, protetor, tiniente general de corregidor*” e através de suas correções ao manuscrito original, ele elevou o título de “*cacique prencipal*” ao de *capac ques prencipe*, “*qhapac que significa príncipe*” (Pietschmann. 1936, p. XIII; Adorno. 1980, XLI). Em cada caso, ele refletiu a necessidade de afirmar tanto o status colonial quando o status andino herdado. A inflação de seus títulos corresponde, como veremos, ao desenvolvimento de suas pretensões literárias frente à sua derrota judicial.
(ADORNO, 1993. p.55)

A documentação citada no parágrafo acima mostra registros da participação de Poma de Ayala em disputas por terras até o ano de 1600,

quando foi derrotado na justiça. As terras da região de Chupas reivindicadas por Guaman Poma ficam perto das nascentes dos rios que formavam o vale de Chupas, nome original do vale de Huamanga. Essa rede hidráulica era formada pelos rios Guatata, La Tenería, Yanayaco e Viñaca, que desaguavam no Rio Marañón e davam às terras importante valor estratégico (ADORNO, 1993 p. 61). De acordo com Adorno, os ancestrais yarovilca de Guaman Poma provavelmente chegaram a essa região no século XV como colonos étnicos enviados pela administração Inca, os *mitmaqkuna*.

Os *mitmaqkuna* serviam para três diferentes propósitos: colonizar áreas recém-conquistadas, prover guarnições militares ao longo da vulnerável fronteira leste do Império, ou para povoar terras disponíveis não cultivadas, mas potencialmente produtivas [...] De acordo com Cobo, os *mitmaqkuna* eram especialmente honrados ou privilegiados pelo Inca “para parecer mais nobre”. (ADORNO, 1993. p. 61)

Como o *ayllu* pré-colombiano não necessariamente tinha uma configuração territorial determinada, era comum no período imperial que membros do mesmo *ayllu* desempenhassem funções em locais distintos (PORTUGAL, 2009, pp. 13-26). Apesar disso, o *mitmaq* enquanto membro do *ayllu* permanecia sob comando do seu *kuraka* de origem. Este status herdado de *mitmaqkuna* tem relação direta com a derrota legal de Guaman Poma na disputa de terras. Com a chegada dos europeus, o prestígio e o status deste grupo se perdeu e o termo passou a receber novos significados (ADORNO, 1993. p. 64).

Em 1570, o vice-rei Francisco de Toledo fixou como residência permanente dos *mitmaqkuna* os locais em que eles então se encontravam, mesmo que não fossem territórios pertencentes a seus *ayllu* de origem. O vínculo com o *ayllu* de origem garantia o título de terras, a organização do trabalho, entre outras funções. Portanto, ao negligenciar o sistema pré-colombiano em sua ordenação do mundo colonial, Toledo ceifou os direitos de muitos dos líderes nativos peruanos, que tinham agora um novo status:

Toledo dividiu a comunidade indígena em duas categorias claramente definidas: *originarios*, ou seja, membros nativos de povoamentos indígenas organizados, e *yanaconas*, índios desligados de seus *ayllu* e vivendo a serviço de europeus [...]. Cobo (ibid;

192-193 [bk. 2, ch. 23]) se refere àqueles índios que foram mandados sazonalmente (ou talvez permanentemente) de suas terras para cultivar plantações em outro lugar e que continuavam sob o comando de seus próprios senhores étnicos. Os espanhóis, contudo, libertaram-nos da obediência a seus antigos caciques e os colocaram sob a jurisdição de um líder local, chamando a todos eles *mitimaes*, ou seja, 'forasteiro' (ibid).
(ADORNO, 1993. p. 64).

Esta questão é o esqueleto do debate entre Guaman Poma e seus adversários sobre a posse das terras em Chupas. Para Adorno, Guaman Poma nunca soube realmente que era descendente de "forasteiros" (*idem* p. 65). Ele perdeu a disputa justamente porque seus rivais persuadiram os juizes de que ele não era um cacique local, mas um forasteiro e um impostor. Estes rivais eram os índios *Chachapoyas*, um grupo étnico e possivelmente linguístico originado no norte do Peru, liderado por Don Domingo Jauli (*idem* p. 66). Esse grupo fora transplantado para a região de Quito pelo imperador Inca quando os espanhóis chegaram. Depois da invasão, os Chachapoyas imediatamente se aliaram aos espanhóis e se incorporaram às forças reais. Eles lutaram pela coroa espanhola na batalha que derrotou Diego de Almagro filho, em Chupas. Depois da vitória, o governador Cristóbal Vaca de Castro colocou os Chachapoyas nas terras de Chiara, em Chupas, que antes eram possuídas pela família do cronista. Isso foi feito como recompensa pela colaboração com a coroa. A disputa entre eles e o cronista começou em 1586, como mostra a *Compulsa Ayacucho* (*idem*, p. 68).

As reivindicações de Guaman Poma contra os invasores ilustram a mudança do sistema de posse de terras andino para o conceito europeu de propriedade pessoal e a confusão para determinar a posse legítima para quaisquer terras em disputa (ADORNO, 1993, p. 65). A história conhecida sobre as batalhas legais de Guaman Poma teria terminado na *Audiencia* real em 1599, se não fosse pelo documento *Compulsa Ayacucho* (*idem*, p. 74). O *protector de índios* Esteban de Vega tinha se referido a Martín de Ayala como um yanacona. Essa referência ao pai de Guaman Poma como alguém removido da comunidade étnica lança sobre eles o estigma de forasteiros e imigrantes recentes para a área de Huamanga. Guaman Poma havia

construído toda sua defesa com base na acusação de que seus oponentes eram forasteiros.

Em 23 de Março de 1600, em Huamanga, Domingo Jauli e Juan Sota acusaram criminalmente Guaman Poma de ser um impostor. Em 18 de Dezembro do mesmo ano, os direitos dos Chachapoyas às terras de Chiara foram confirmados pelo *teniente corregidor y justicia mayor* Gaspar Alonso Ribeiro e uma sentença criminal por charlatanismo foi imposta a Guaman Poma, que deveria receber duzentas açoitadas e ser exilado de Huamanga por dois anos. Depois dessa derrota, Guaman Poma recorre à escrita.

3. A Nueva Corónica.

O autor Manuel Garcia Castellón (1992) distingue três períodos da cronística no Peru do século XVI: pré-toledana (1551 – 1568), toledana (1569 – 1575) e pós-toledana (1575 em diante). Esta classificação é pertinente para este trabalho pois consideramos o governo de Francisco de Toledo um marco histórico fundamental do século XVI no Peru, que afeta diretamente a vida de Guaman Poma e de todos os outros *kurakas*. O primeiro período foi caracterizado pela escrita de Las Casas e Cieza de León. O segundo período é marcado pela necessidade de justificar moralmente a conquista espanhola, considerada providencial para a vida e saúde do povo índio. O terceiro período, também chamado garcilasista, é marcado pela busca da reconstrução da imagem do mundo andino.

Todos os cronistas pós-toledanos, como Guaman Poma, têm preocupações filológicas, teológicas e históricas proporcionais a seus níveis de instrução. Eles buscam fontes documentais para estudar o período pré-colombiano (quipos, tecidos, relações de anciãos, testemunhos arqueológicos) e pretendem apresentar os Incas como nobres seguidores de uma religião monoteísta e da lei natural (CASTELLÓN, 1992, pp. 59-60). A proposta de um novo reino andino sem a presença dominadora dos espanhóis, como foi dito, é uma das ideais mais fortes da obra de Ayala.

Para entender melhor a posição de Ayala, é fundamental pensar no período do vice-rei Francisco de Toledo (1569 – 1581). Com o início de sua

política de reduções, as deportações massivas de índios para reduzi-los a povoados de características espanholas tiveram grande impacto na vida do povo andino (*idem*, p. 45). As determinações legais de Toledo (ordenanças) afetaram todos os níveis da vida dos índios, desde o trabalho e a mita até o regime comunal e urbano, incluindo a vida espiritual (*idem*, p. 51).

Ayala tem críticas e elogios sobre a política toledana. Nesse sentido, Garcia Castellón acredita que a *Nueva Corónica* é representativa do sentimento índio da época (CASTELLÓN, 1992, p. 55). O autor elogia, por exemplo, as disposições que proíbem a entrada de não-índios nas reduções (AYALA, 1987, p. 454); a proibição do trabalho escravo dos índios (*idem*, p. 456) e a política fiscal que garantia aos índios o retorno de seus pagamentos de impostos (*idem*, p. 1047). Por outro lado, Ayala se ressentia de Toledo pela forma arrogante como executou Tupac Amaru (*idem*, p. 460), critica os corregedores por confiscos arbitrários de terras (*idem*, p. 500) e, por fim, lamenta a impunidade daqueles que desobedecem as leis do vice-reinado (*idem*, p. 1183).

É possível notar que o cronista mostra ser bem informado sobre os assuntos sociais, políticos e econômicos do mundo em que vivia. Um exemplo claro disso, além do que já foi exposto, é a narração, por Ayala, de uma visita do Marquês de Montesclaros às minas de Choclo Cocha e Huancavelica, sob ordens do rei. Sua narração é corroborada por evidências documentais. A visita de Montesclaros às minas foi de fato ordenada por decreto real, que como afirma Guaman Poma, foi enviado de Madri em 12 de Dezembro de 1606. Além disso, em 1608, o marquês de fato enviou, como indica Guaman Poma, um despacho ao rei datado de 14 de Janeiro de 1609.

O cronista também conhecia pessoalmente e frequentava as minas de Castrovirreina e Huancavelica, onde em 1614, “seus vassallos o reconheceram e o abraçaram e contaram todas as misérias que sofreram na província e suas minas”. Huancavelica é, inclusive, uma das quatro áreas do Peru sobre as quais as referências do autor são suficientemente detalhadas para confirmar

seu conhecimento e experiência delas. As outras três são Huamanga, a província de Lucanas e a província dos Aymaras. (ADORNO, 2002. p. 48).

O autor critica as injustiças do sistema colonial com veemência, embora tenha feito parte dele. Sua pretensão reformista fica clara já nas primeiras linhas da crônica:

Me dé su gracia para escriuir y notar buenos egenplos, para que de ello tome todos los christianos, y cienbre y plante, para que echen buena fruta y cimiente para el seruicio de Dios Nuestro Señor, y de lo malo los pecadores se emiende y enfrene su lengua y corasón y su ánima y consencia y a los que la leyere le alunbre el Espíritu Sancto y unos y otros se aconsejen y se enseñen y sepan que ay un solo Dios uerdadero, la Sanctícima Trinidad en el cielo y en este mundo, Dios uerdadero. [sic] (AYALA, 1987. P. 03).

A obra de Ayala também representa a busca por uma explicação do passado do continente americano, que resulta em mitos de origem para explicar a existência dos nativos americanos e legitimar historicamente a posição nobre reivindicada pelo autor. Uma estratégia importante da crônica de Ayala, nesse sentido, foi negar o argumento de que os nativos americanos foram conquistados através de uma *guerra justa*. Essa posição se baseava em três mitos: a) os primeiros habitantes andinos, como os europeus, eram descendentes de Noé e adoravam o Deus cristão; b) os apóstolos de Cristo visitaram a América do Sul antes dos espanhóis e realizaram aqui as primeiras conversões ao cristianismo, o que tornaria dispensável a intervenção espanhola para catequizar, e c) os andinos, representados pelo próprio pai de Guaman Poma, aceitaram voluntariamente a soberania de Carlos V, o que implicaria que os espanhóis não tinham sobre os nativos os direitos de um povo vencedor de uma guerra justa. (AYALA, 1987. Pp. 80, 92 e 377.) Este último item foi usado por Ayala para condenar, por exemplo, o poder dos *encomenderos* sobre os nativos.

Em resumo, podemos destacar três principais reivindicações reformistas de Ayala na *Nueva Corónica y Buen Gobierno*. Em primeiro lugar, o sistema de *encomiendas* é ilegítimo e deve ser eliminado, pois o

Tawantinsuyu (império Inca) não fora conquistado através de guerra justa (AYALA, 1987. p. 564). Em segundo lugar, os espanhóis eram obrigados pela religião cristã a restituir os vencidos pelas terras e riquezas tomadas e pelo domínio exercido (*idem*, pp. 572, 573, 741). Finalmente, o rei da Espanha deveria presidir uma espécie de *commonwealth* de nações, dividido em quatro grandes monarquias autônomas, representando África, Europa, o mundo turco-otomano e o território das Índias, que seria administrado pelo filho do cronista caso o modelo se concretizasse (*idem*, p. 963).

Esse questionamento da legitimidade da conquista espanhola é um aspecto original da crônica de Ayala. O cronista discorda de Las Casas sobre a ideia de que a evangelização é o único título justo de guerra (ADORNO, 1987. p. XXV). Como foi dito na introdução, o autor acreditava que havia uma descendência comum entre os índios americanos e os europeus: a descendência de Noé. Para Franklyn Pease, essa tese da origem hebraica é um exemplo da busca intelectual por uma explicação do processo de povoamento original da América, discussão muito recorrente no período colonial (PEASE, 1981. p. 22). O cronista utilizava essa ideia da descendência de Noé para argumentar que os primeiros habitantes da América conheciam a Deus, mas depois esse conhecimento se perdeu (ADORNO, 1987. p. XXV).

Além disso, Ayala imaginou e narrou um passado onde o apóstolo São Bartolomeu viajou para o novo mundo após a morte de Cristo e pregou para os habitantes do continente: “los apóstoles llegaron a este rreyno más primero que los españoles y de ellos somos cristianos” (AYALA, 1987. p. 1090). O cronista também inventou o evento mencionado acima, no qual seu pai, Don Martin Guaman Malqui de Ayala, concedera pacificamente a posse do Império Inca ao imperador Carlos V: “Se dieron pas el rrey enperador de Castilla y el rrey de la tierra deste rreyno del Pirú *Uascar Ynga*, lexítimo. En su lugar fue su segunda persona y su bizzorrey Ayala” (AYALA, 1987. p. 377).

As exigências de restituições por parte dos espanhóis também são constantes na obra. De fato, para inculcar o medo do castigo divino nos espanhóis, o autor utilizou a retórica eclesiástica como a linguagem

preferida de sua argumentação (ADORNO, 1987. p. XVIII). Ainda mais importante é a coordenação, na *Nueva Corónica*, de um princípio da doutrina cristã articulado pelo frei Luis de Granada e o programa da reforma colonial proposto por Las Casas (*Idem*); ele elege a concepção teológica para explicar tudo e rechaça a ideia de uma hierarquia de males menores ou maiores. Desse modo, o autor vai contra uma ideia bem característica do sistema colonial: a de que a conquista espanhola do Peru foi resultado de um castigo divino merecido pelos pecados do povo incaico e andino: “Ou seja, Guaman Poma aproveita o discurso religioso cristão criado para a autorreflexão espiritual e moral dos andinos e o recria colocando este *espelho* frente aos mesmos europeus” (ADORNO, 1987. P. XXXI).

O novo modelo político proposto ao Rei da Espanha é o último dos principais aspectos do intento reformista de Ayala. O autor baseou esse modelo em um sistema quadripartite de divisão do espaço organizado ao redor de um centro (ADORNO, 1992. p. 355). O funcionamento desse esquema mental foi bem explicado pelo historiador e antropólogo Nathan Wachtel em seu artigo *Pensée sauvage et acculturation*, de 1971. Este autor nos mostra que a concepção espacial de Poma de Ayala do Peru colonial pode ser representada por duas diagonais cruzadas, que delimitam as quatro divisões tradicionais do Império Inca (*suyus*): Chinchaysuyu, a oeste; Antisuyu, ao norte; Collasuyu, ao leste e Cuntisuyu, ao sul (WACHTEL, 1971. p. 801). No ponto central, onde as diagonais se cruzam, está Cuzco, que era imaginada no Império Inca como o centro universo. O cronista encaixou sua concepção do mundo dentro deste modelo, e o dividiu também quatro partes, quatro *reinos*, que deveriam ser autônomos, mas prestar obediência ao rei da Espanha: Reino da Turquia (mundo islâmico), Reino de Guiné (África negra), Reino de Roma (Europa) e Reino das Índias, com Castela ocupando o lugar de Cuzco no modelo anterior. (WACHTEL, 1971. pp. 830-835, figs. 6, 7 e 8). O rei da Espanha passaria a ocupar a posição do Inca, se tornando o monarca do mundo.

Essa concepção é fundamental para a proposta reformista de Ayala, pois ele acreditava, como foi dito, que os habitantes originários de cada um

desses reinos deveriam permanecer em seus respectivos locais de nascimento. Ele temia a miscigenação e argumentava contra ela. Esses argumentos são relacionados aos efeitos negativos do contato entre o indígena e o espanhol com a conquista, como a redução populacional, a ameaça de extinção da cultura andina, os vícios adquiridos pelos índios, entre outros (WACHTEL, 1971. p. 838). O cronista buscava algo que acreditava ser a restauração da ordem natural do universo, de um mundo que se encontrava de cabeça para baixo:

“Mundo invertido e vazio: os índios são perseguidos “porque não há mais Inca para protegê-los”, “o mundo está ao contrário porque não há Deus, nem rei”. Ausência infinita: o Inca desapareceu, o universo sucumbiu ao caos”. Onde está o rei? “Quem é o rei – pergunta Poma – senão o rei católico”? “Mas o rei está em Roma e em Castela”. E é para informar do “mal do mundo” que o cronista ousa lançar seu grito. O projeto de poma revela assim uma dimensão verdadeiramente messiânica: sua crônica, resultando no Rei-Inca, permitirá restaurar a ordem do universo. (WACHTEL, 1971. p. 838)

A análise desse modelo nos leva a uma discussão interessante sobre as obras em que Poma de Ayala se baseou para construir sua crônica. Nathan Wachtel concluiu, em 1971, que a visão de mundo de Guaman Poma era composta por elementos tipicamente andinos (WACHTEL, 1971. p. 794). O artigo *Une source européenne de la Nueva Corónica y buen gobierno*, publicado em 1996 no *Journal de la Société des Américanistes* por Sophie Plas, traz uma visão diferente. Para a autora, a influência literária de autores europeus na composição da *Nueva Corónica* foi negligenciada pela maioria dos estudiosos do assunto, mas é decisiva.

Como Guaman Poma é uma das pouquíssimas fontes de origem indígena escritas no começo da época colonial, poucos pesquisadores se aventuraram a colocar à prova a confiabilidade do conhecimento do cronista. Para autores como Nathan Wachtel e Juan Ossio, Guaman Poma reconstruía a história indígena partindo de esquemas mentais e noções próprias à sua cultura (PLAS, 1996. p. 98). Para a autora citada no parágrafo acima, não é pertinente adotar sem ressalvas a visão do mundo pré-hispânico formulada oitenta anos depois da conquista por um índio que jamais conheceu o império

inca (*idem*). A autora acredita que a hipótese de empréstimos da tradição ocidental merece, ao menos, ser estudada.

Sophie Plas consegue provar que a *Chronographia ò Repertorio de Los Tiempos*, do cosmógrafo sevilhano Jerónimo de Chaves (1523 – 1574) foi uma influência decisiva para a crônica de Ayala. Este livro era amplamente conhecido no período colonial, no Velho Mundo e na América (*idem* pp. 100-101). As influências de Chaves são notáveis em vários elementos da *Nueva Corónica*. A estudiosa mostra que essas influências são de ordem formal, textual e conceitual. No âmbito formal, Guaman Poma respeita as convenções do livro espanhol na segunda metade do século XVI: letra ornamentada, letras romanas, paginação, prólogo ao leitor cristão e página de título. Além disso, Guaman Poma parece ter sido familiarizado com convenções de impressão da época, pois ele indica o número de folhas e cadernos, que seriam informações destinadas a um hipotético impressor. No campo textual, a influência da obra de Chaves teria sido determinante na elaboração do modelo das idades do mundo por Guaman Poma. O autor andino também usa as genealogias bíblicas, papais e imperiais do livro de Chaves, e jamais o menciona. Os empréstimos conceituais, por fim, também tem a ver com o esquema de Guaman Poma as idades do mundo. Dividir a história em diferentes eras é uma tradição muito antiga na literatura ocidental (PLAS. 1996. pp. 102 – 112).

Outra influência ocidental importante para a obra de Ayala veio dos Dominicanos. Seus argumentos contra a *encomienda* se baseavam nos panfletos e tratados de religiosos reformistas como Las Casas e seus colegas peruanos. O cronista elogia a obra caridosa de outros dominicanos, como Jerónimo de Loyasa. Além disso, Poma de Ayala contestava a presença espanhola na América utilizando o mesmo vocabulário que Las Casas e Loyasa empregaram anteriormente. Um memorando enviado por Las Casas e Santo Tomás ao rei Felipe II em 1560 parece ter sido um modelo em miniatura para a obra de Ayala (ADORNO, 1978. pp. 126-128).

Isso não significa que a crônica esteja livre de fortes aportes da tradição andina. A visão quéchua de idade – *pacha* - faz memorizar as etapas históricas pelos feitos sociais grandiosos, que afetaram a comunidade nativa positiva ou

negativamente. Por isso, o modelo não sinaliza as façanhas dos “chefes” com nomes próprios. Narram-se as tradições de personagens conhecidos, integrando-os ao mito ou conto heróico, vinculados pelo “totem da linhagem”. Entretanto, essa linhagem não define a ordem da história humana com datas cronológicas determinadas por funcionários estatais. A memória quéchua “conceitua a comunidade da linhagem compreendendo ao homem em seu desenvolvimento econômico, geopolítico, cultural e bio-psíquico da comunidade em seu conjunto (em quéchua se chama “mita” e “wata”)”. É por isso que Guaman Poma indica as quatro idades como períodos próprios do desenvolvimento humano andino, não como a existência de poderosos chefes (VALLEJO, 2008, pp. 5-6).

É importante destacar também algumas considerações sobre o gênero crônica. Ana Raquel Portugal distingue três tipos de texto nas crônicas das Índias: carta-relatório, relação geográfica e crônica. Para ela, esses documentos têm dimensões literária e ideológica, e são reflexo do pensamento renascentista, misturado com traços medievais. As motivações que levavam os cronistas a escrever variavam. Entre elas estavam a obrigação de relatar à coroa o que fora descoberto; a necessidade de mudar a situação pessoal e se defender (caso de Guaman Poma) ou mostrar seus feitos para conseguir méritos da coroa. Apesar da forte influência do humanismo renascentista com seus ideais utópicos, raramente é possível afirmar que algum desses cronistas foi um humanista. Para sê-lo é indispensável uma característica que faltava a quase todos esses cronistas, dominar o latim. Além disso, as preocupações deles eram mais voltadas a questões materiais e sobrevivência, e eles mostraram ecos utópicos em seus escritos poucas vezes (PORTUGAL, 2009, pp. 69-70).

A mesma autora deixa clara a importância das crônicas para nosso objeto de estudo: “pela análise das crônicas, podemos interpretar as transformações ocorridas durante o período colonial desde a conquista do Tawantinsuyu” (*idem*, p. 72). Esses textos representam as práticas culturais do século XVI pois são resultado do processo de alteridade vivido entre as diferentes culturas. Dizer que o discurso dos cronistas era aculturado é ter em

mente a representação discursiva de seu mundo de acordo com suas próprias necessidades, como ocorre em Guaman Poma, Titu Cusi e Garcilaso. Estes cronistas denunciam os danos causados pelos espanhóis, mas não hesitam em manipular o discurso de modo a atender seus próprios interesses. No caso andino, o que ocorreu foi uma integração da cultura indígena pelos elementos europeus, e não a passagem da cultura indígena para a ocidental (*idem*, p. 73).

Essa relação de Guaman Poma com a figura de seus dominadores (incas e espanhóis) gera, assim, um claro conflito mental. A peculiaridade do caso de Ayala está em sua atitude de denegrir a imagem dos incas, conquistadores de sua família, e, ao mesmo tempo, usar o discurso indígena para defender os povos autóctones contra os invasores espanhóis. "Guaman Poma foi o cronista indígenas mais fervoroso em suas críticas à conduta dos espanhóis, mostrando, ao longode várias páginas de sua obra, todos os desmandos por eles cometidos e perguntando ao rei o que fazer se 'nesse reino não há remédio'" (*idem*, p. 149).

Finalmente, é necessário salientar aqui que há alguns erros que podem ser cometidos facilmente ao se analisar uma crônica andina do século XVI, e devem ser evitados. "Ao recorrermos às crônicas, temos que estar cientes de que estaremos examinando a representação de um período aos olhos de homens com histórias e objetivos distintos, ou seja, com discursos diversos" (PORTUGAL, 2009, p. 36). Os cronistas seriam, na concepção da autora, historiadores que opinaram a respeito do que viram, e cabe a nós perguntar por que eles opinaram de determinada forma. "Para trabalhar os cronistas, é necessário sutileza e, sobretudo, aprender a ler de novo" (*idem*, p. 39).

4. Considerações finais

Cento e sete anos após a redescoberta do manuscrito da *Nueva Corónica*, muito ainda permanece desconhecido sobre o autor, principalmente o que aconteceu em sua vida após a derrota judicial para os Chachapoyas. A bibliografia sobre a *Nueva corónica* e Guaman Poma ainda é muito reduzida e restrita a poucos idiomas. Por isso o intento principal deste trabalho foi

fornecer os elementos necessários a um conhecimento básico da obra, sintonizado com as principais descobertas historiográficas recentes, para dar consistência à futura pesquisa sobre como aqueles chefes nativos regionais foram representados em suas páginas.

O conhecimento da obra de Poma de Ayala é indispensável para qualquer estudioso do início do período colonial nos Andes. O autor demonstra conhecer bem o mundo andino e o mundo europeu, domina o quéchuá, conhece o espanhol, é bem informado sobre questões políticas, econômicas e sociais e fornece um material visual único. Sua crônica é vasta e aborda todos esses temas. Contudo, não se pode perder de vista que a obra foi escrita como meio de satisfazer os interesses pessoais do autor, e certamente é influenciada pela mágoa da derrota judicial e da opressão dos colonizadores. Para ler a crônica e entendê-la historicamente, é preciso que nos desapeguemos o máximo possível da mentalidade do século XXI.

É provável que a colaboração inicial com os espanhóis tenha despertado o defensor da causa indígena em Guaman Poma. Os horrores testemunhados em suas viagens pela colônia não permitiram que o cronista se calasse sobre a situação indígena. Ao mesmo tempo, é possível ver na crônica uma clara tentativa do autor de legitimar sua própria posição e garantir seus interesses. Derrotado na justiça e sem mais recursos, o autor recorre à escrita como último meio para tentar garantir seus objetivos.

Guaman Poma via os nativos andinos de maneira paternalista, não muito diferente de como os viam os membros do clero católico. Era favorável à catequização dos índios, mas julgava a miscigenação um grande mal. Vale lembrar que, se fosse concretizado o modelo político proposto por Ayala, ele imediatamente se tornaria o líder supremo dos Andes e vassalo do Rei da Espanha, que não exerceria mais domínio direto sobre território americano.

Do que foi exposto é possível concluir, por fim, que a figura de Guaman Poma é representativa de um importante grupo do período colonial – o dos *kurakas* andinos. De acordo com especialistas, não há outra fonte que ofereça uma perspectiva similar à da *Nueva Corónica* sobre o assunto. Assim, julgamos que esta crônica seja a ferramenta mais importante para a pesquisa que pretendemos realizar.

5. Bibliografia

ADORNO, Rolena:

2002. *A Witness unto Itself: The Integrity of the Autograph Manuscript of Felipe Guaman Poma de Ayala's El primer nueva corónica y buen gobierno (1615/1616)*. Publicado em: *Fund og Forskning*, Det Kongelige Bibliotek, Copenhagen 2002.

2001. *Guaman Poma and His Illustrated Chronicle from Colonial Peru: From a Century of Scholarship to a New Era of Reading*. A new introduction to the web publication of *The Nueva corónica y buen gobierno*. Disponível em: www2.kb.dk/elib/mss/poma/presentation/index-en.htm

1995. *La Génesis de la Nueva corónica y buen gobierno de Felipe Guaman Poma de Ayala*, in: **Taller de Letras**. Revista del Instituto de Letras de la Pontificia Universidad Católica de Chile, 1995 (págs. 9-45).

1993. *The Genesis of Felipe Guaman Poma de Ayala's Nueva Corónica y buen Gobierno*, in: **Colonial Latin American Review**, Vol. 2, 1993, Nos. 1-2 (pp. 53-92).

1992. *Colonial Reform or Utopia? Guaman Poma's Empire of the Four Parts of the World*, in: **Amerindian Images and the Legacy of Columbus**, Hispanic Issues 9, editado por René Jara y Nicholas Spadaccini, págs. 346-74. Minneapolis: Editorial da Universidade de Minnesota.

1987. *Waman Puma: El autor y su obra*. In: Guaman Poma de Ayala, Felipe, *Nueva crónica y buen gobierno*. Ed. John V. Murra, Rolena Adorno y Jorge L. Urioste. Crónicas de América 29a-c. Historia-16, Madrid. 1987, vol. 1, pp. xvii-xlvii.

1980. *La redacción y enmendación del autógrafo de la Nueva corónica y buen gobierno*. In: Guaman Poma de Ayala, Felipe, *El primer Nueva corónica y buen gobierno [1615]*, editado por John V. Murra y Rolena Adorno, traduções do quechua por Jorge L. Urioste. 3 tomos. Siglo Veintiuno, Mexico, D.F. 1980, vol. 1, pp. xxxii-xlvi.

1978. *Felipe Guaman Poma de Ayala: An Andean View of the Peruvian Viceroyalty, 1565-1615*. In: *Journal de la Société des Américanistes*, t. LXV: pp. 121-143, Paris.

BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina Colonial América Latina Colonial, Vol I e II*. São Paulo: EDUSP, 1999.

CASTELLÓN, Manuel García. *Guamán Poma de Ayala: Pionero de la Teología de la Liberación*. Madrid: Ed. Pliegos, 1992.

CHANG-RODRÌGUEZ, Raquel. 1982. *Coloniaje y conciencia nacional: Garcilaso de la Vega Inca y Felipe Guaman Poma de Ayala*. In: **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**, nº38. pp. 29-43.

KONETZKE, Richard (org). *Historia Universal siglo XXI – América Latina, vol II*. Cidade do México: Siglo XXI, 2000.

MURRA, John V. 1987. Una vision indigena del mundo andino. In: Guaman Poma de Ayala, Felipe, *Nueva crónica y buen gobierno*. Ed. John V. Murra, Rolena Adorno y Jorge L. Urioste. Crónicas de América 29a-c. Historia-16, Madrid. 1987, vol. 1, pp. xxx-xxx

PEASE, Franklin. 1981. *Felipe Guaman Poma de Ayala: Mitos andinos e historia occidental*. In. **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**, nº 37. pp. 19-36.

PLAS, Sophie. 1996. *Une Source Européenne de la nueva corónica y buen gobierno de Guaman Poma*. In: **Journal de la société des américanistes**. Tomo 82. pp. 97-116.

PORTUGAL, Ana Raquel. *O ayllu andino nas crônicas quinhentistas*. São Paulo, Cultura acadêmica, 2009.

URIOSTE, Jorge L. 1987. Los textos quechuas en la obra de Waman Puma. In: Guaman Poma de Ayala, Felipe, *Nueva crónica y buen gobierno*. Ed. John V. Murra, Rolena Adorno y Jorge L. Urioste. Crónicas de América 29a-c. Historia-16, Madrid. 1987, vol. 1, pp.lxv-lxxvii.

VALLEJO, Alfredo Alberdi:

2008. *Los ultimos documentos coloniales relacionados com Guaman Poma*. In: **Revista electrónica virtual Runa Yachachiy**, Berlin.

2013. *El príncipe de los cronistas nativos: Felipe Lázaro Guamán Poma*. In: **Revista electrónica virtual Runa Yachachiy**, Berlin.

WACHTEL, Nathan. 1971. *Pensée sauvage et acculturation : l'espace et le temps chez Felipe Guaman Poma de Ayala et l'Inca Garcilaso de la Vega*. In. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisation**. Ano 26, N 3-4. pp. 793-840